

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE  
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Penélope Ribeiro de Andrade

Ranielly Mendes

Rosane dos Passos

A LEITURA COMO INSTRUMENTO PARA A ASCENSÃO DO DISCENTE NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA 4ª SÉRIE  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Brasília, 2005

Penélope Ribeiro de Andrade

Raniely Mendes

Rosane dos Passos

A LEITURA COMO INSTRUMENTO PARA A ASCENSÃO DO DISCENTE NO  
PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA 4ª SÉRIE  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília – UniCeub  
como parte das exigências para  
conclusão do Curso de Pedagogia –  
Formação de Professores para as  
Séries Iniciais do Ensino  
Fundamental – Projeto Professor  
Nota 10.

Orientadora: Denise Maria dos  
Santos Paulinelli Raposo.

Brasília, 2005

Dedicamos este trabalho a todos os docentes que nos últimos anos competentemente nos orientaram, e a nossos pais e amigos que constantemente nos estimulam a prosseguir na arte de lecionar.

Agradecemos a Deus por Sua força e presença diária, à professora Denise pelas valiosas orientações no decorrer desta pesquisa, as nossas famílias pelo incentivo, aos amigos por acreditarem em nossa capacidade e a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Educar não é uma tarefa simples, mas também não possui dificuldades extremas. Somente é necessário ter no coração o sentimento passional.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a importância do ato de ler como instrumento para o desenvolvimento cognitivo dos discentes da 4<sup>o</sup> série do ensino fundamental. O método utilizado para sua realização foi o estudo de caso, pois se preocupa com a análise contextualizada e qualitativa da situação a ser estudada. Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados a entrevista semi-estruturada e o questionário com perguntas abertas. Apresenta informações quanto à história da leitura, e seu contexto de importância dentro do processo ensino-aprendizagem, destacando a importância da leitura no cotidiano do educando e concatenando o sucesso escolar com a constância do ato de ler, dentro e fora da escola. Também demonstra a prática docente, a interferência do educador no processo de formação do aluno-leitor. O ato de ler implica diretamente na conduta do educando diante da escola, o sucesso não depende unicamente da leitura, mas esta alicerça coerentemente, e competentemente a formação acadêmica de um indivíduo. A percepção da leitura como uma prática que não só beneficia o aluno no ambiente escolar, mas também o faz ascender como pessoa e cidadão dando a ele condições de controverter situações que julgar incondizentes com a sua necessidade. Conclui-se que o ato de ler inserido no cotidiano da escola beneficia a toda coletividade escolar, pois a formação intelectual, tanto do discente como a do educador, tendem a se aperfeiçoar cadencialmente, trazendo melhoras explícitas ao ambiente escolar, e devido a isso, gerando resultados satisfatórios no quesito mais importante: A Qualidade do Ensino.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
CAPÍTULO I – Histórico da Leitura.....	13
CAPÍTULO II – A influência da leitura na vivência do aluno.....	25
CAPÍTULO III – A contribuição do professor na formação do aluno leitor.....	34
METODOLOGIA.....	42
Natureza da Pesquisa.....	42
Características da População.....	47
Procedimentos Metodológicos para coleta e análise dos dados.....	47
ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

## 1. INTRODUÇÃO

A Leitura como instrumento para ascensão do discente no processo de aprendizagem: A importância da leitura na 4ª série do Ensino Fundamental

Sabemos das transformações que podem ocorrer em uma sociedade, em um povo, quando este está crítica e teoricamente preparado para sofrer e provocar mudança. Porém, para que isto aconteça é importante que a escola e a sociedade vejam a leitura como um direito de todos.

Maria Helena Martins (1982, p.34), afirma que enquanto permanecermos isolados na cultura letrada, não poderemos encarar a leitura como instrumento de poder, de dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados. A escola precisa reconhecer esta realidade e perceber seu importante papel como agente de transformação.

Desta forma, se faz necessário oferecer condições para o educando desenvolver a capacidade de discernimento, esta, respaldada em suas leituras cotidianas para que possam exercer a cidadania.

Contribuindo para a prática da leitura o discente poderá criar um coerente alicerce para o desenvolvimento das habilidades e competências das disciplinas curriculares, bem como tornar-se melhor, mais completo e preparado para a vivência no mundo contemporâneo.

A leitura contribui para o desenvolvimento mental da criança, traz a ela uma realidade semelhante ou diferente da sua e com isso a capacidade de conhecer o diferente, de raciocinar, de criar, de descobrir. Segundo Eveline Charmeux (2000, p.14), a leitura é hoje uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, mesmo que não levemos em conta qualquer preocupação cultural.

Na escola é importante o papel do professor como mediador entre o aluno e a leitura. O educador, para realizar competentemente esta função, deve estar preparado e ciente da importância do bom desenvolvimento do seu trabalho, pois é através deste que as crianças irão conhecer, identificar e apreciar a leitura.

Silva (1999, p.20), afirma:



“Muito além da missão de transmitir o saber elaborado, absolutamente fundamental, acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de utilizar criticamente o conhecimento construído na escola para analisar o real e diante dele, fazerem suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente e autônoma”.

A evolução do educando no processo de aprendizagem é caracterizada por situações que envolvem o seu cotidiano, estas que podem, ou não, estar alheias ao ambiente escolar. Com as carências e aspirações do discente, que são muitas, existe a necessidade de buscar meios para saná-las, mas devido à incógnita da existência de um método totalmente eficaz, fica a questão, como oferecer informação pertinente à necessidade do educando?

Fazendo do ato de ler uma constância em sua vida acadêmica, o discente terá respaldos coerentes para controverter questões que julgar incondizentes com suas idéias. A formação dos alunos das séries iniciais que atualmente estagna no pressuposto de que o discente de pouca idade não pode, ou não tem capacidade intelectual de usar o hábito da leitura, deve ser auferido pela ousadia, e não subestimar a potencialidade de um educando.

A leitura possui viabilidade em qualquer que seja a seriação, então a aplicabilidade de atividades oriundas do ato de ler são justificadas, pois não existe empecilho, de método, ou de outra natureza que torne o hábito da leitura uma situação inexecutável.

Entender a leitura como instrumento não só de complementação, mas sim, de importância diária, para tornar os objetivos curriculares, as habilidades e competências, em possibilidades de realização, e não somente em teorias.

A leitura cotidiana baseada na realidade do modo de vivência do educando, relevando o gosto e interesse do mesmo. Limitando constantemente a leitura técnica que em sua ineficácia limita o pensamento criativo do discente.

O leitor habitual interage com sucesso no ambiente escolar, fortalece a democratização das idéias e faz retroagir conceituações ambíguas sobre o ato de ler como fortalecedor do indivíduo e da coletividade que este está inserido.

Neste contexto, buscamos através desta pesquisa, investigar a importância da leitura na formação global das crianças e como o professor pode contribuir para a formação do leitor competente. O tema abordado apresenta-se para os educadores como elemento essencial para o desenvolvimento gradual e progressivo de concepção intelectual da criança tendo como pressuposto a leitura.

Pretendemos que esta discussão contribua de maneira singular para um maior esclarecimento do assunto abordado, além de proporcionar embasamento para a proposição de novas ações no sentido de contribuir para a ascensão do discente no mundo da leitura.

Tal questão mostra-se necessária pelo fato de que o público infantil não tem o hábito da leitura, muitas vezes por não serem direcionados e incentivados, perdendo assim, o interesse de estar em contato com as letras.

É de suma importância valorizar o trabalho com a leitura, pois esta é uma das principais maneiras de estimular o desenvolvimento do senso crítico e a transformação do saber de acordo com a realidade em se esta inserido.

É necessário promover o contato com a leitura desde cedo e promover a proximidade constante, no sentido de estar sempre incentivando esta prática, pois ela só poderá ser apreciada e incorporada à vida das pessoas se os livros, na idade escolar, ultrapassarem as características da leitura “didática” e se tornarem agradáveis e sugestivos. Não se pretende com este trabalho atingir a expectativa de somente formar futuros leitores ou mesmo propor a adesão de conhecimentos pré-estabelecidos no trato pedagógico, mas sim, contribuir para que esta experiência vivenciada por nós educadores possa ser modificada no sentido de melhorar a educação que oferecemos à nossas crianças.

Sabemos que os livros despertam muito interesse nas crianças e por esse motivo deve-se introduzir a prática de manuseá-los desde a tenra idade. No entanto, o encantamento pelos livros só será efetivo se houver estímulo tanto no ambiente familiar quanto escolar, no intuito de despertar o prazer pela leitura.

Esta pesquisa procura investigar a importância do ato de ler como fator contribuinte para o processo de aprendizagem, percebendo que a leitura pode

interferir positivamente na sua qualidade de vida, transformando a vivência escolar numa situação prazerosa e harmoniosa.

Cabe então à escola e ao professor intervirem com os instrumentos necessários para que a leitura passe a ser uma prática diária e satisfatória para a criança.

Procuramos então, diante disto, responder a seguinte indagação: Como os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental podem ascender em sua aprendizagem frente ao processo de aquisição da leitura?

## Objetivos

### Objetivo Geral

Investigar a importância do ato de ler para o sucesso no processo de aprendizagem dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental.

### Objetivos Específicos

- Analisar a importância da leitura, no decorrer da História da Civilização, para o desenvolvimento da criança;
- Investigar a influência da leitura para a vivência do aluno bem como para o sucesso no processo de aprendizagem;
- Investigar na perspectiva do professor, a importância do incentivo ao hábito da leitura para a formação do leitor competente;

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Capítulo I

#### 2.1.1. Histórico da Leitura

A modernidade tem trazido muitas inquietações para a educação. Hoje, falar em educação é ter um cuidado muito grande em não afirmar, com absolutismo, qual é o único caminho correto para ensinar e aprender. Para dentro desse quadro de ansiedade educacional se encontra o processo conceitual-metodológico da leitura nas escolas brasileiras.

Todos sabem que há diferença entre ver e olhar, ouvir e escutar... Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito. Quem ousaria dizer que sabe ler latim só porque é capaz de pronunciar frases escritas naquela língua?

Segundo Barthes (1989), ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. Processo complicado, a leitura associa-se à forma de ver o mundo e de experienciá-lo.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.

Mas, afinal o que é ler?

Essa é uma pergunta que parece fácil, mas não é. Consultando o dicionário Aurélio encontramos a seguinte definição:

Ler, v.t. Ver o que está escrito, proferindo ou não, mas conhecendo as respectivas palavras; conhecer, interpretar por meio da leitura; decifrar, interpretar o sentido de; adivinhar; predizer; explicar; prelecionar; int. ver e interpretar o que está escrito.(Pres. Ind.: leio, lê, ...part.:lido).

Esta definição nos leva logo a pensar no ato de ler apenas como a capacidade de interpretar palavras escritas, e é isso que a grande maioria das pessoas, tanto distantes da escola, quanto próximas (docentes, discentes, pais de alunos e funcionários da escola) pensa. Mas será a leitura realmente só isso?

Segundo Eni Orlandi (1988, p 35) a leitura pode ter vários sentidos como, por exemplo, na escola significa o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições.

Mas mesmo o dicionário nos dá uma brecha para pensarmos que não é só isso, pois podemos decifrar, interpretar o sentido de algo, e não necessariamente esse algo precisa ser palavras. O que fazemos ao ver uma charge ou um sinal surdo-mudo? Tentamos decifra-los, e isso não é um tipo de leitura? Claro que sim, pois lemos tudo, o tempo todo, só os códigos decodificados que são diferentes.

Ler é saber compreender, interpretar e essa interpretação não é única, depende de cada pessoa, de seu contexto de vida, de sociedade, de trabalho, de família, de época, etc. Um texto para ser legível depende desses fatores e depende do leitor virtual que se insere dentro de um texto, pois a relação entre leitor virtual (leitor para que o autor destina o texto) e leitor real (pessoa que lê o texto) é muito distante, dificultando a compreensão. (Orlandi, 1988, p.58)

E o que é compreensão? Para Paulo Freire (1992) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” ou seja, se entende a partir do que se conhece do contexto do que é falado no texto, então a compreensão do texto é mais importante do que simplesmente decodificar as palavras, a compreensão faz com que a leitura seja um momento crítico.

A leitura é tão importante que desde o início das civilizações, que quem detém a palavra ou a capacidade de comunicação é quem detém o poder, e até hoje continua assim. Nos referimos aqui à leitura como forma de absorver a cultura, pois ela tanto pode ser feita assistindo a uma peça, quanto ouvindo uma música ou lendo um livro. Ou seja, a leitura vista de um aspecto mais amplo e completo, traz a cultura,

e há a necessidade de se conhecer a cultura para haver a realidade da escolha; não há preferência se não há o conhecimento da opção.

Uma certa ideologia garante o arranjo dessas peças, expandindo a noção de que a leitura distingue os indivíduos. Essa diferença advém das oportunidades desiguais de alfabetização de que pessoas e grupos dispõem, portanto se origina na organização da sociedade, dividida em classes menos e mais privilegiadas. Porém, ao considerar o domínio individual da habilidade de leitura, o sintoma dessa repartição, obscurecem-se as causas sociais e transfere-se o problema para outro nível, o pessoal. (Zilberman, 1988, p.15)

Para entender por que a leitura é tão importante na sociedade, basta pensarmos na quantidade de informações que um leitor pode assimilar em uma única página de material impresso. Sem essa possibilidade, o analfabeto só tem acesso restrito ao conhecimento produzido e organizado, porque só pode adquirir informações da oralidade. Além de não ter acesso ao saber armazenado pela escrita, por não saber escrever o analfabeto não pode registrar sua memória para o futuro. É por fazer essa ponte entre passado e futuro que a leitura e a escrita são essenciais para aquisição do conhecimento.

Quando se fala sobre a importância da formação do leitor na sociedade moderna, com seus múltiplos meios de comunicação, é impossível deixar de pensar em um conceito amplo de leitura, pois,

Se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nesta medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e a sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia. (Zilberman apud Soares, 2001, p.17)

Trata-se não apenas de formar leitores do texto escrito, mas de pessoas aptas a fazer a “leitura de mundo” (Paulo Freire, 2003), a leitura de uma realidade em que convivem textos verbais (falados e escritos) e textos não verbais (visuais, musicais, gestuais, etc.). O leitor moderno precisa ter um olhar múltiplo e saber interpretar as várias linguagens que o rodeiam: a propaganda, o jornal, as revistas, a música são fontes inesgotáveis de sentidos que precisam ser decodificados.

No entanto, de todas as linguagens que habitam o mundo moderno, a escrita tem um papel preponderante na sociedade porque ela organiza o saber sistematizado.

Para entendermos essa predominância da escrita sobre as outras linguagens, precisamos acompanhar a história da leitura no mundo ocidental e compreender por que, em certo momento da História, foi importante ensinar as pessoas a ler e escrever.

Inicialmente, é importante pensar sobre os povos pré-históricos, lembrando da importância da leitura do mundo em suas vidas, mesmo que fossem ágrafos. Ler era, para esses homens primitivos, uma forma de inserir-se no meio e defender-se. A leitura era análoga a sua própria vida, acontecia naturalmente, sem mediadores simbólicos, a não ser a explicação ou a história contada pelos mais velhos com base em suas experiências. Com base nesta leitura, este ser humano fazia o reconhecimento da natureza, percebendo-a como um risco, e utilizava-se da sua inteligência para sobreviver nesta hostilidade. (Soares, 2001, p.18)

Neste contexto, o leitor apresentava-se como leitor ouvinte haja vista a ausência de material escrito. Ouvia e processava as relações entre os diversos textos, constituindo-os experiências e ensinamentos. Sua biblioteca era o outro ser humano, pronto para ser consultado pela linguagem oral. É um leitor que se atém no trato da palavra em sua forma oral.

De acordo com Soares (2001), houve um momento na História, mais precisamente quando foi inventado o código escrito, em que se diferenciaram dois grupos sociais: os que liam e os que não liam. Neste momento, a aprendizagem da leitura passou a ser uma necessidade para ascender de um estágio social a outro. Um novo estágio, considerado privilegiado porque detentor de uma forma de codificar o natural. Esta codificação é uma cisão naqueles grupos cuja vida transcorria naturalmente, em que o ler era praticado ao observar o mundo, sem que houvesse um elemento intermediário. Codificado o mundo através da escrita, há que aprender a ler como condição para chegar a uma elite. É neste instante que se dá a separação entre o texto, o codificado, e o ato de ler, entre o leitor e o autor. Como intermediário, é criado o ato formal de aprender a ler: uma maneira, também, de transitar neste espaço de cisão.



Nesse contexto social, o escriba serve como exemplo de associação entre a leitura e o poder que emana daqueles que podem ler, primeira característica desta ação na história da humanidade. É uma divisão de poder entre os que têm o código a seu alcance e os que não têm. Os escribas legaram a idéia de que quem lê tem poder.

Os escribas eram pessoas escolhidas para aprender a ler e a escrever em uma escola privada. Esta é uma maneira de mostrar como a leitura, desde o seu surgimento, serviu também como distintivo de classes sociais. Ao ser escolhido para preparar-se a assumir a ação de escriba, o jovem mesopotâmico revestia-se de uma diferença em relação aos seus compatriotas: ele seria o que dominaria o código, estava ao lado dos soberanos. (Soares, 2001, p.21)

Outros povos da Antigüidade também deram asas ao processo de letramento e passaram a valorizar mais o escrito em detrimento da palavra oral. Basta citar a preocupação dos egípcios em construir bibliotecas onde pudessem proteger os papiros contendo as versões de mundo e de conhecimento possibilitadas apenas a alguns privilegiados. Para os gregos, a leitura constitui-se em apropriação do escrito.

Segundo Manguel (1997) a adoção do cristianismo como religião oficial por Constantino e a propagação da fé em Cristo contribuiriam para alastrar e expandir a leitura. Criou-se nesta época, um livro capaz de conter as verdades necessárias à vida humana, um livro escrito por Deus através de mãos humanas: a Bíblia.

A leitura, que deixara de ser um ato natural com a invenção da escrita, passou a ser restrita e vigiada, com o alastramento do cristianismo. Optando pela salvação eterna, o leitor precisaria preparar sua alma e leria só o que lhe fosse permitido.

Pensada assim, a leitura na época medieval passa a ser vista como mero contato com o texto sagrado. Leitura-regra, leitura-lei. O leitor (condição do comum ser humano) chega ao texto (mensagem divinizada) para estar em contato com o autor (alguém conhecedor do poder da fé que Deus inspira) e, com isso, alcançar o nível maior em sua transcendência: sintonia com Deus. (Ferreira apud Soares, 2001, p.24).

Nesta relação através da leitura, existem papéis bem definidos. Há um leitor obediente, desejando a leitura como forma de apaziguar-se e dar conta dos seus anseios em relação à sua transcendência. Há um texto institucionalizado e

formalizado, cujo significado é único, e há o mediador, uma espécie de intérprete, o religioso. Assim constituído, o intérprete coordena a leitura, estabelecendo as referências e, com isto, garantindo a supremacia do texto e da religião sobre as relações intrapessoais.

Orlandi (1988) explica que na Idade Média a interpretação esta interdita, pois nesta época o sujeito religioso não interpreta, apenas repete a interpretação que lhe exigem que seja repetida, caso contrário seria heresia.

A evolução no uso das palavras interpretação e interpretar é muito lenta. Até chegar ao uso de interpretação como possibilidade de ambigüidade, de separação entre objetividade e subjetividade, que é significativa para poder haver a circulação de sentidos, são passados muitos anos. Essa nova etapa coincide, na verdade, com a separação entre o homem e Deus, entre o poder da Igreja e o poder do homem.

Neste espaço de leitura, a movimentação do leitor é controlada. Configura-se como regra que todo ato de ler deveria ser em voz alta, a fim de revelar os pensamentos provenientes da leitura. Portanto, a leitura em silêncio é condenada enquanto prática, pois não possibilita aos outros captar a entonação e, portanto, a significação dada ao lido.

É oportuno, então, pensar sobre o valor da leitura silenciosa. Constitui-se em uma atividade na qual o sentido do texto é efetivado sem que, para isto, a oralidade seja utilizada. Para Manguel, proceder a leitura silenciosa de um texto é um ato singular, capaz de permitir ao leitor refletir sem haver condenação, censura, esclarecimentos a prestar.

Por não ter sido permitida, a leitura silenciosa era um desejo contido. A exigência em ler em voz alta, a fim de que os demais pudessem saber o que estava sendo lido e, conseqüentemente, o que estava sendo pensado, gerava o domínio sobre as possíveis interpretações que se pudesse fazer do texto. Configurou-se então, a leitura em voz alta como um artifício, primeiro para garantir o acesso de mais pessoas ao texto bíblico, segundo para que o leitor de mantivesse atento ao que lia e não produzisse significados silenciosos, inacessíveis aos outros. (Soares, 2001, p.27)

Só a partir do século IX, houve a normatização da leitura silenciosa, com isto, ampliou-se o espaço de leitura do leitor. A partir daí, a leitura tornou-se mais

individualizada. Era possível ler e pensar sem ser necessário revelar os pensamentos. Era possível ler também no interior dos seus pensamentos, para além da obrigatoriedade de partilhar o que era lido com o ouvinte que lhe cobrasse atenção. (Manguel, 1977, p.67). Era possível escolher os pensamentos sobre a leitura feita. Uma liberdade simples para uma época de vigilância constante.

Observando a história da leitura percebe-se que aí acontece uma das rupturas: separou-se o ler da oralização. A leitura passa a ser uma ação interiorizada, privada, subjetiva.

O declínio da medievalização da humanidade e, paulatinamente, a percepção de que o homem pode conhecer, é livre para relacionar-se com a natureza e pode agir, sem estar sob o jugo divino, faz surgir uma outra época diferenciada que se convencionou chamar Renascimento. Acontece aqui outra ruptura significativa: a invenção da imprensa.

Ferreira, citado por Soares (2001, p.28) afirma que a invenção da imprensa, em 1455, permitiu o surgimento de uma forma diferenciada de circulação de textos. Até então, um mesmo livro era lido, relido, saboreado intensamente. A partir da imprensa, que colocou maior quantidade de livros à disposição, a leitura passa a ser em maior quantidade, o leitor relaciona-se de forma mais esparsa com os livros, trocando de texto e de leitura sempre que quiser.

Zilberman (1988, p.15) afirma::

Talvez a principal contribuição da tecnologia à delimitação e disseminação do perfil da leitura tenha sido a invenção da imprensa mecânica, no século XV. Essa conferiu ao livro outra configuração material, de que adveio sua maior maleabilidade e acessibilidade. Ele deixou de ser um objeto raro e de difícil utilização, para, aos poucos, pôr-se ao alcance de um maior número de pessoas, pelo menos das que sabiam ler e se dedicavam aos estudos. Determinou também uma mudança fundamental no uso da língua literária, pois incentivou a expansão do vernáculo na literatura. E provocou novas formas de percepção, pois a circulação da linguagem passou a ser mediada cada vez mais pela intervenção da escrita.

De acordo com Darnton, citando Chartier (1996, p.164), entre 1500 e 1750, a leitura na Europa ocidental é intensiva. Lêem-se poucas obras – a Bíblia, alguns livros de devoção, o almanaque, a Biblioteca Azul – mas são lidos repetidamente. É

uma leitura restrita, reiterada e concentrada, feita com freqüência em voz alta, no seio da família, e às vezes à noite. Pelo fim do século XVIII, entre as pessoas instruídas, “os burgueses” no sentido amplo da palavra, e, sobretudo nas cidades do nordeste, existe uma outra leitura. Lê-se muito, principalmente romance e jornais, os preferidos nos gabinetes de leitura que proliferam na Alemanha. São lidos rapidamente, para distrair, uma única vez - depois são abandonados ou deixados para a diversão de outros leitores. É uma leitura mais ampla, porém mais superficial, em uma palavra, extensiva.

Esse período, que se convencionou chamar de modernidade, gerou a ampliação da leitura de mundo, uma vez que os homens passaram a desbravar avidamente e ampliar os territórios do conhecimento. Ampliou-se a leitura da palavra escrita, oportunizada pela disponibilidade de material e pela maior preocupação e liberdade em ensinar a ler.

Soares (2001) ressalta que outra ruptura significativa foi com o investimento na alfabetização, mais ou menos no século XVIII, quando aumenta o filão de leitores. Isso exigiu o barateamento do livro e garantiu a ampliação do acesso à leitura. Dissociou-se a leitura do sacro, do texto bíblico, que, para os medievais, era a exigência. Foi permitido ler mais, pois os materiais para leitura tornaram-se mais acessíveis.

Colocada na base da educação, a leitura pôde assumir de imediato o componente democratizante daquela; ao mesmo tempo, confundiu-se com alfabetização, pois ler veio a significar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como o alfabeto e a constatação do domínio sobre ele. O alfabetizar passou a exigir um profissional especializado, com a tarefa de tornar os signos da escrita inteligíveis para a criança. (Zilberman e Silva, 1988, p.13)

Soares (2001) afirma que é a Revolução Industrial e suas conseqüências o maior incentivo para o atrelamento entre a leitura e a escola (a partir deste momento, modelada conforme se conhece hoje), entre o livro didático e o processo pedagógico. Afirmam alguns autores que condicionar o processo de letramento à leitura de alguns livros, predeterminados, a escola acabou por formalizar o ato de ler e torná-lo uma dificuldade a ser vencida na escalada da aprendizagem. Após este momento, a

leitura esteve sempre embutida na idéia de escolarização, a ponto de um leitor autodidata ser considerado uma exceção.

Utilizada pela escola, a leitura perdeu a sua magia em favor de sua utilidade. Ler passou a ser um procedimento rigoroso, com horário e texto marcados. Neste mesmo espaço, o teor do texto literário assumiu a função de moralizar. Era utilizado com o intuito de ensinar ao leitor os valores e as atitudes esperados deles, tendo em vista o fato de a família estar, neste momento histórico, iniciando-se como mão-de-obra fabril. Na verdade, desde a Antigüidade, a literatura foi utilizada como veículo privilegiado de transmissão de valores, sobretudo os morais. Essa utilidade teve reavaliação durante a Idade Média, quando “a literatura é entendida como fonte de aprendizagem de valores morais necessários a crianças e jovens dos grupos privilegiados” (Perrotti, 1986, p.46)

Apenas no século XIX começou a surgir uma literatura menos utilitária e este movimento acabou por divulgar e aprimorar os mecanismos de alfabetização como formas de preparar leitores. Aconteceu assim, uma impulsão na relação entre leitor, texto e autor. Para justificar, Soares cita que,

Já no século XIX, especialmente no Brasil, a situação de mecenato passou a ser substituída por uma relação de produção, pela qual o autor também se tornava um profissional que colocava um produto à venda e passava a manter uma circularidade de produção, ou seja, produzia para vender e sentia a exigência de um público que exigia mais produção. A consolidação deste público leitor e deste profissional gerou uma circulação da cultura, democratizando-a e tornando-a acessível ao povo, de modo geral. Gerou-se, portanto, uma indústria cultural movida pelas exigências destes grupos de leitores.

Zilberman destaca que o Iluminismo teve um importante papel no processo de democratização cultural, pois foi um movimento que estabeleceu relação primordial para o desdobramento da ideologia que até hoje sedimenta a validação da leitura em nossa sociedade: a de sua índole emancipadora, na medida em que propicia o ingresso no ideário liberal elaborado pela burguesia.

Chegou-se ao século XX com um perfil de leitura como uma forma de lazer e de acesso ao mundo das idéias, cara e restrita a poucos. O que determina hoje esta restrição não é o desconhecimento do código, nem a exigüidade de material, nem a

falta de acesso ao material escrito. Estes fatores em muito foram superados, nunca se teve tanto texto disponível, lê-se onde e quando quiser, porém, nem todos são alfabetizados. A restrição, no entanto, fica por conta do parco estímulo dado à leitura. Soares explica que,

isto acontece por inúmeros fatores, desde políticas equivocadas de promoção da atividade literária no país, do preço exorbitante do material escrito, até a influência de outras linguagens, mais facilmente acessadas que o livro. Forma-se, assim, um novo perfil de leitor, o que lê se a escola exige, se é necessário para a sua competência profissional, se tem um tempinho entre a utilização de uma tecnologia e outra. É uma geração, a da segunda metade do século XX, de leitores movidos pela pressa, pelo imediatismo, pela praticidade. Os livros continuam os mesmos, mas a tecnologia, também portadora de texto, agiliza-se, modifica-se e desafia. (2001, p.36)

Na história do Brasil, encontramos alguns momentos em que a leitura assumiu características de acordo com os apelos sociais. No processo de colonização os jesuítas trataram de iniciar os índios na aprendizagem da escrita e, paralelamente, organizaram escolas para os filhos de colonos que pudessem pagá-las. Portanto, estava garantida a aprendizagem para alguns, enquanto muitos outros estavam fora desta oportunidade.

De acordo com Nunes (1994), assentado nestas prerrogativas, o sistema educacional jesuítico espalhou-se pelo território brasileiro, privilegiando a elite, os proprietários de terra. Em se tratando da leitura, pedagogicamente, o caráter educacional pautava-se na memorização e competição. Os alunos memorizavam longos textos clássicos, mormente os greco-latinos, e participavam de debates. Sobre os procedimentos pedagógicos aplicados pelos jesuítas Magnani afirma,

Em sala de aula, estas concepções traduziam-se em ensino de retórica e oratória através da imitação aos clássicos, utilizando-se da arte também imitativa, sem permitir que houvesse reflexão e discussão do que era simplesmente repetido. O texto clássico era imposto, impedindo desta forma, o combate à submissão a que estavam sujeitos os jovens brasileiros da época colonial. (1989, p.13)

A expulsão dos jesuítas do país causou um vácuo na educação, com falhas ou não, contrariando ou não as idéias políticas portuguesas, o sistema educacional foi

abandonado. É sabido que os jesuítas, por sua preocupação com as humanidades e seu temor ao científico, visto como possibilidade de contrariar a crença inquestionável – a fé, moldaram um tipo de sociedade que na tentativa insistente de equiparar-se às sociedades tidas como modelos, ignorou por muito tempo a sua cultura miscigenada pelos diversos povos que acabaram ocupando esta terra. Esta cultura, revelada pelas obras literárias, era negada em favor da adoção de modelos estrangeiros até mesmo no que se refere ao assunto e à forma de leitura. A leitura nesta época, também era ação individualizada, praticada apenas por quem efetivamente já havia sido alfabetizado e por aqueles que liam por interesse.

O império surgiu para uma população analfabeta, sem escolas à sua disposição. Ler, nesta época era uma atividade de poucos aristocratas. O movimento literário conhecido como Romantismo, engajado no processo de nacionalização da nação, muito auxiliou para a divulgação das produções literárias de nossos escritores.

A República contribuiu no aumento de oportunidades para a alfabetização, mas ainda assim não propiciou uma significativa diminuição no índice de analfabetismo no país. O século XX chegou aos anos 80 com uma associação tácita entre leitura e escola, de modo a se confundirem. Chegou-se aos anos 90 com uma maior facilidade de acesso ao livro de leitura, com a produção cuidadosa de autores voltados especificamente ao público-alvo deste trabalho.

As referências iniciais sobre a leitura, ampliadas agora pela sua configuração histórica, remetem à atividade de ler como uma prática da linguagem, interativamente constituída, transformada à medida que também se transformam as relações sociais. Soares afirma que,

Não se trata aqui do ato mecânico de ler, nem da habilidade ou do hábito, mas da prática de conhecer, interagir e ser influenciada pelo texto lido. Acredita-se em uma leitura do texto literário nesta perspectiva, como contato com o mundo virtualizado no texto. Uma ação participativa, integrando o leitor real, texto e leitor virtual, nas idéias elaboradas por um autor. Uma efetiva produção de sentidos tendo como base à historicidade de cada um destes elementos. (2001, p.74)

Livros a granel e relativamente acessíveis; alunos que precisam se preparar do ponto de vista lingüístico e cognitivo para uma sociedade globalizada, onde apenas os altamente capazes do ponto de vista cultural irão triunfar; e professores preparados para provocar e seduzir seus discípulos com leituras vibrantes, prazerosas e vitais; estes são os três principais elementos que sustentam o contínuo renascimento do gosto pela leitura.

José Hildebrando Danacal assinala a importância da leitura em nos dias atuais:

É indiscutível que, mesmo na era das imagens e dos meios de comunicação de massa, a literatura preservará como toda a arte, sua função de símbolo e documento do passado e desempenhará – enquanto a humanidade for a mesma – o papel pedagógico que sempre a caracterizou. Não apenas no sentido restrito da sala de aula, mas principalmente no sentido amplo e universal de instrumento de aquisição de conhecimentos e diferenciação da elite em relação à massa, mantendo-se, pois, como relicário da língua e como um espelho monumental da nação.

A emergência de uma cultura "tecnocientífica", dominando de forma avassaladora o mundo contemporâneo, coloca com grande ênfase a necessidade de as sociedades prepararem cidadãos com condições intelectuais de participar, como sujeitos históricos, do processo de desenvolvimento e modernização.



## 2.2. CAPÍTULO II

### 2.2.1. A influência da leitura na vivência do aluno

Inicialmente considerou-se que a leitura pode ser caracterizada como um processo de construção feito de expectativas onde o leitor, baseado em sua experiência de mundo e em seu conjunto de informações, interage com as informações presentes no texto, para poder reconstruir o sentido que o texto está querendo lhe dizer. As perspectivas sobre a leitura direcionam para especificidades, o texto, o objetivo do texto, a linguagem textual e o leitor. A leitura não pode ser atribuída a uma idéia passiva, sem funcionalidade, onde sua existência depende exclusivamente da necessidade de um indivíduo, claro que o ser é parte compositora e importante, mas as possibilidades existentes que envolvem a leitura não devem restringir-se a um único fator. A leitura pode ter vários sentidos como: na escola significa o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura também pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições (ORLANDI, 1988). A relação do ato de ler com o indivíduo reflete em uma consideração que aparentemente é simplória, porém o assunto possui um cerne complexo, não devido à ausência de leitores, mas sim devido à discrepância temática da leitura para as demandas do leitor.

A teoria da necessidade apresenta um, método comum de analisar motivações. Presume-se que o indivíduo se comporta como o faz para satisfazer uma necessidade. Algumas das primárias motivações de comportamento em nossa cultura são a necessidade de afeto, de se sentir parte de alguma coisa, de aprovação, independência e adequação. [...] Aprendendo a ler bem o aluno descobre maneiras de satisfazer essas importantes necessidades (Glock, 1997, p.65 )

A formação de um leitor passa por um processo e não se deve considerar a leitura apenas a decodificação de sinais gráficos. Ela vai muito além: possibilita intervenções, questionamentos, inferências e hipóteses, onde a atitude docente possui enorme valia, pois esta pode definir nas futuras ações do educando.

Ler é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela

implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blabamente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar, aprender a ousar, para continuar quando, às vezes, se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais (FREIRE, 1995, p. 190).

No caso da educação, torna-se necessário oferecer subsídios, com base na construção e na participação efetiva, que contribuam para a sua transformação em produtores de significados, capazes de lidar com os diferentes gêneros textuais – lingüísticos e não-lingüísticos – na escola e na sociedade em que vivem. Se a leitura for conduzida mecanicamente ou considerada como atividade secundária, isso provocará no aluno dificuldades em abstrair idéias e realizar análises críticas que culminem em ações transformadoras.

Os professores precisam desenvolver uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. E mais: precisam conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia. Essa intimidade e esse conhecimento exigem que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o testemunho vivo de convivência com os textos ao nível da docência não existe como alimentar a leitura junto aos alunos (SILVA, 1997)

Como toda atividade que exige uma relação recíproca e para uma leitura eficiente e prazerosa essa questão é fundamental, o ato de ler algo possui arestas que devem ser analisadas, pontos de vista diferenciados que resultam nas implicações que um texto literário traz. Qualquer que seja o tipo de texto elaborado sua influência pode ou não ser determinante, mas determinante de que? Para determinar uma situação específica primeiramente analisa-se o ser, a pessoa que busca na leitura fundamentos para suprir uma carência, seja acadêmica ou de entretenimento, o perfil do leitor caracteriza que tipo de texto influencia seu modo de vivência, pois muito se tem falado sobre o desinteresse dos alunos pela boa leitura. Mas de que leitura se trata? De textos impressos? Quem pode determinar o que é

uma boa ou má leitura sem levar em consideração o universo dos educandos? Essas reflexões são pertinentes em um momento no qual as possibilidades de leitura multiplicam-se com uma velocidade impensável há poucas décadas, “... a compreensão começa antes da leitura, na tomada de consciência dos usos da escrita e na instauração de fortes vivências em torno dos textos”.(CHARTIER, 1996, p. 114).

O ser humano é complexo, com aspirações e carências, então como averiguar se o ato de ler tem influência e importância no cotidiano de uma pessoa. A localidade onde o mundo das letras é apresentado às pessoas, a escola, o espaço ideal para procurar informações que respaldem, ou não, a influência da leitura em uma vida. A função de leitor estaria inscrita no próprio texto, com a mesma precisão que os movimentos dos personagens. Ao interpretar a leitura, ao se apropriar das mensagens de forma diferenciada ou simplesmente ao proceder a uma interpretação, o leitor sai do mundo dos personagens e volta ao seu lugar natural, isto é, de leitor (TODOROV, 1979, p. 150/151). A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social. Essa também é a perspectiva de trabalho coerente, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social. (SOARES, 1995, p. 73).

Uma criança, um aluno, que vivencia situações cotidianas na escola certamente é influenciada por obras literárias, mas será que a leitura consegue estabelecer um alicerce para que este discente-mirim possa ascender nas perspectivas escolares. O mundo exige competência e habilidades, a escola propõe-se a ministrar situações que desenvolvam estas, o ato de ler é um instrumento para auxiliar nessa complexa construção de um ser capaz. A linguagem tem como objetivo principal a comunicação sendo socialmente construída e transmitida culturalmente. Portanto, o sentido da palavra instaura-se no contexto, aparece no

diálogo e altera-se historicamente produzindo formas lingüísticas e atos sociais, “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho”(VYGOTSKI,1998,p. 7).

O discente que faz uso constante do ato de ler não só estabelece para si um hábito plausível, mas acresce em suas virtudes uma característica modificatória para sua vida. A leitura aguça a curiosidade de um educando, não se limita a apenas fornecer elementos instrutivos; o ato constante da leitura na escola pode equalizar diferenças, simples ou complexas, a transformação cultural que a leitura em classe pode gerar é dependível da ousadia docente, pois o estímulo externo é fato primordial para fecundar o hábito de ler em um grupo de educandos. A leitura, dentro de uma visão construtivista, relaciona-se com a alfabetização no sentido amplo de levar o aluno a interpretar o mundo, pois não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos. O leitor deve portar-se diante do texto, transformando-o e transformando-se “ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão a sua disposição na sociedade” (BAGNO, 1998).

A leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do aluno e contrariamente à evasão escolar. Para escrever bem é preciso ler bastante e pensar com clareza. A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas; desde a alfabetização há a necessidade do contato com os livros-textos, “existem três propósitos fundamentais da leitura que ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas da comunicação leitor-texto: compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem” (SILVA, 1994, p. 26).

A instituição escolar, principal responsável pelo ensino do registro verbal da cultura, concebe o livro – didático ou não – como um instrumento básico às funções pedagógicas exercidas pelo professor. E a leitura, que não só perpassa todas as áreas de conhecimento, mas é indispensável ao ensino de qualquer conteúdo, acaba sendo, na visão de grande parte dos professores, de única responsabilidade do especialista de Português que, além de ensinar o aluno a ler e escrever bem, tem

que trabalhar a literatura de forma que os alunos adquiriram o hábito e o gosto pela leitura, transformando-os em leitores para a vida toda.

Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social. Essa também é a nossa perspectiva de trabalho, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contras as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social. (Soares, 1995, p.73).

Há inúmeras formas de os professores fazerem com que os alunos se interessem pelos livros de literatura, como por exemplo: o uso interdisciplinar do livro de literatura, leitura coletiva de textos, contação de histórias, conversas sobre os livros lidos, conversas com escritores, visitas às livrarias, etc. Mas, permanecendo na rotina dos métodos antiquados (principalmente a cobrança da leitura obrigatória através de provas), o que se consegue é distanciá-los cada vez mais do hábito/gosto pela leitura. Mesmo assim, há alunos que se interessam pelos textos literários, principalmente quando existe biblioteca na escola e enquanto freqüentam as aulas (leitores escolares); depois não mais. (Zilberman, 1995) chama de “leitura emancipatória” aquela que utiliza as oportunidades ficcionais desencadeadas pela fantasia para conduzir a atenção da criança à discussão dos valores que a circundam e, ao mesmo tempo, está assentada na realidade imediata percebida pelo leitor. Esta leitura emancipatória, organizada dentro de atividades participativas e lúdicas, pode ser um fator decisivo, não só para a alfabetização, mas para toda a educação do leitor.

Literatura infantil, nesta medida é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missa pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura a de “conhecimento de mundo e do ser”, como sugere Antônio Candito, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além - propiciar os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. Integrando se a este projeto libertador. A escola rompe suas limitações inerentes a situação com a qual se comprometeu na sua gênese. E esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferece a educação. Aproveitada em sala de aula da sua natureza ficcionista, que aponta um conhecimento de mundo e não enquanto súbita do ensino de boas maneiras, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 1988, p.16).

O trabalho de leitura direcionado especificadamente para as crianças exige uma análise em todo contexto de interferência na vida destas, relevando principalmente a literatura direcionada a sua faixa etária, a literatura infantil e a escola foram convocadas para desenvolver a intelectualidade da criança, pois contam com um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura. (...) no desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, em nível social e, mais tarde, em nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da própria criança (intrapsicológica). (VYGOTSKI, 1979, p. 94 da ed. esp.).

No mundo contemporâneo, o livro em sala de aula tem natureza formativa. A obra de ficção e a escola fazem parte da formação do indivíduo porque falam do mundo, de suas dificuldades e soluções. Surge uma tendência em substituir os super-heróis pelo grupo, pela patota, por personagens de verdade. A literatura infantil se transforma em arte literária. A escola e a literatura são proveitosas quando permitem que a criança reflita sobre sua condição pessoal, tendo em vista a carência do conhecimento de si mesmo, do espaço que se insere, da história e da vida social. Não se trata de justificar a condição da criança através da obra literária. A imagem da criança era, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensavam de si mesmos (ZILBERMANN, 1985, p. 18).

A literatura infantil deverá ser assimilada e recriada, fornecendo a compreensão e a concepção crítica da vida exterior.

A literatura infantil é muito variada, ela se manifesta principalmente através do gênero narrativo, seja o conto, a lenda ou a fábula, todos são encantadores e conseguem transportar o aluno para a fantasia de um mundo imaginário (BETTELHEIM, 1988, p. 55)

Os contos falam de fadas, princesas e madrastas. O conto de fadas permite ao leitor chegar a conclusões e decisões, a fazer qualquer aplicação à vida, ou simplesmente permite ao leitor apreciar as situações fantásticas de que fala. O conto de fadas ensina que há desenvolvimentos, possibilidades de progresso do prazer para o princípio da realidade. Por muito tempo serviu como “alternativa” literária.

Tudo na sociedade partia do indivíduo e esse individualismo, forte e competitivo, se transformou no poder absoluto das minorias, representado pelos personagens das histórias infantis. Os heróis e personagens românticos eram aventureiros, corajosos e invencíveis, sustentando uma literatura para crianças, baseada no “domínio quase absoluto da exemplaridade; da rigidez de limites entre certo/errado, bom/mau; etc” (NOVAIS, 2000, p. 18).

As fábulas moralizantes têm seus primeiros registros em Esopo (séc. IV a.C.), o pioneiro deste gênero. Deu vida e voz aos animais, vilões ou vítimas; suas histórias deixaram lições de vingança, traição, verdades, mentiras, amizade, fidelidade, recompensa, etc. Muitos ditados e provérbios usados habitualmente, traduzem a moral de muitas fábulas. A fábula é naturalmente uma narrativa na qual seres irracionais podem agir ou falar, dão lições de moral. Não há significado oculto, nada é deixado à nossa imaginação, e isto a diferencia do conto de fadas. Os docentes devem conservar este gênero, levá-los à sala de aula. Porém não podem torná-lo único recurso literário. ZOTZ quando fala da literatura como filosofia de vida e de educação. Comenta que “o desenvolvimento do interesse e hábito da leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da vida...” (ZOTZ In: Cagneti, 1996, p. 25).

A arte literária que não fala de lição e morais é tão importante e rica quanto o conto e a fábula. De igual forma ela dá asas à imaginação, é divertida e instigante. As experiências e contatos obtidos com os livros têm um importante significado, se quando a leitura foi marcante e proporcionou prazer e satisfação. Assim, o professor deve levar a literatura para a sala de aula, oportunizando aos alunos o livro como fonte de atividade e de criatividade. Jesualdo explica o processo gerador dessas histórias:

“É que o homem, acumulando experiências, após uma longa contemplação da natureza e seus fenômenos, foi obtendo o domínio sobre o mundo exterior e, na esperança de dominá-lo totalmente, tratou de criar um mundo onde, desde o princípio tudo está sujeito à sua vontade” (1978, p.11).

A literatura infantil proporciona gosto pela leitura, alimenta a curiosidade, instiga o conhecimento. *“só quando a leitura fizer parte do ambiente cultural de um povo, só quando existirem livros identificados com os anseios e gostos das diversas*

*faixas etárias de uma população é que podemos afirmar que todos gozam do mesmo direito de ler”* (ZOTZ, 1996, p. 22). Quando o livro é utilizado como pretexto para estudar análise sintática ou qualquer outro conteúdo, irá deixar marcas no leitor, como ocorreu com os clássicos da literatura. Eles também podem proporcionar prazer na leitura se desvinculados de tarefas avaliativas. Não que eles sejam os mais indicados para despertar o gosto pela leitura, pois têm o assunto distante da realidade do leitor e a linguagem não é significativa (se não contextualizada pelo professor). Como não existe um caminho único para formar leitores, também é difícil elencar os melhores livros e autores. Sendo assim, a literatura infantil é um importante instrumento de estudo e mecanismos de fruição, o leitor (discente) transforma essas situações, pois é o alvo a ser relevado.

Na expressão livre do aluno não é somente favorecer-lhe o domínio do código lingüístico, mas é também e principalmente, por meio desse domínio, criar condições favoráveis para que ele – indivíduo e ser social, co-detentor e co-construtor de uma cultura – possa ampliar cada vez mais a sua capacidade de criar, de se comunicar e de se expressar (FREINET in: Maria L. Santos, 1994 p. 25).

Pela leitura constante, desenvolvemos o hábito e este hábito, mais que saudável, é a fonte de intelectualidade e conhecimento. Ao desenvolver o hábito da leitura, ainda no início, ou durante a escolaridade, a pessoa torna-se apta a discutir, dialogar e argumentar seu ponto de vista, pois sabe interpretar e formar uma linha de pensamento. A influencia da leitura na vida do aluno, seja individual ou coletivamente, certamente é positiva, pois os benefícios do ato de ler não restringem-se a escola, aperfeiçoamento da capacidade de discernimento, desinibição, liderança, oralidade e escrita em constante evolução, são situações para o uso na escola; mas a vida, o cotidiano exterior a escola também recebe positivamente da constância da leitura, pois o discente irá controverter posições que julgar necessário, opinará em questões familiares, e terá consciência dos fatos que parecem ser alheios a sua vida. Paulo Freire dissertou o seguinte:



... é importante dizer, a leitura de mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem [...] a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo, ou de 'reescrevê-lo'... (Freire, 1981).

As possibilidades de exploração literária devem condizer com o interesse da coletividade a ser trabalhada, pois certamente a leitura, se bem organizada é característica para acréscimo de qualidades na escola. É cónita a potencialidade do hábito de ler, porém atitudes cadenciais no cotidiano escolar é que podem transformar uma classe estagnada, em uma fermentação de idéias, antagonizando pressupostos ambíguos, que rotulam os educandos contemporâneos de carentes de leitura.

Quem se dispõe a trabalhar com leitura, se com o fito de transcrevê-los apenas, se com o de recriá-lo [...] Para tanto, deveria trazer consigo uma bagagem de informações e experiências suficiente para reconhecer os limites de sua atuação. Afora isso, é necessário ainda que ame essas histórias, como um príncipe ama sua Cinderela, quer dizer, o bastante para insistir em fazê-la experimentar o sapato, ainda que o pé esteja sujo, e ele não tenha certeza de seu número. (Ângela Leite de Souza, 1995, p.132)

## 2.3. Capítulo III

### 2.3.1. A Contribuição do professor na formação do aluno leitor

A relação docente e discente não limita-se ao ambiente da sala de aula, onde o professor rege conteúdos específicos no intuito de sanar um programa curricular. O ato de ler, que também é uma questão curricular, interfere nesta relação, e pode servir de instrumento coerente para a atividade de lecionar. O professor possui inúmeras obrigações, quando estas enumeradas, sua posição diante do educando se encaixa em uma grande responsabilidade, pois o docente como direcionador de idéias deve sempre tentar amenizar as carências individuais ou coletivas, “... o docente deve ter respeito pelos seus alunos, e evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo...” (LEMLE, 1993,p. 06). O ato de ler implica questões anteriormente citadas, que referem-se a escola e diretamente ao educando, mas visionar esta prática na perspectiva do docente faz-se necessário para que se possa ter ciência por total, da relevância de todos que compõe a instituição,

é que o homem, acumulando experiências, após uma longa contemplação da natureza e seus fenômenos, foi obtendo o domínio sobre o mundo exterior e, na esperança de dominá-lo totalmente, tratou de criar um mundo onde, desde o principio tudo está sujeito à sua vontade. (JESUALDO, 1978,p.112)

A responsabilidade do professor deve ser condizente com sua posição de líder grupal, onde as expectativas da classe, e também dos membros que compõe a escola (direção e pais) são fundamentadas na capacitação do mesmo. Uma das reclamações mais freqüentes de pais, com filhos em idade escolar, é a de que as instituições de ensino, públicas ou privadas, não têm dado uma resposta adequada e, em tempo hábil, às crianças que sofrem com as dificuldades de leitura e de escrita no ensino fundamental. As dificuldades de leitura atingem ricos e pobres, brancos ou negros, que estão nos bancos escolares. A formação de um aluno-leitor é responsabilidade do professor. Porém, para que isso ocorra, é fundamental que o professor também seja um sujeito-leitor.

A questão é saber se, no caso da leitura, os professores, eles próprios, servem de bons exemplos aos alunos - leitores, o que significa dizer se os professores são, eles mesmos, bons leitores. Tudo leva a crer que o mundo da leitura dos docentes permanece nos limites daquilo que eles receberam na sua fase de profissionalização. Eu não diria que esta situação decorre de um esquecimento dos professores – melhor afirmar que a carência de atualização na área da leitura resulta das próprias condições enfrentadas pelos professores no que tange à produção do ensino e ao pleno exercício do magistério. Sem condições salariais e de trabalho, sem infra-estrutura de apoio para o encaminhamento da leitura, sem tempo para ler etc., os professores são levados a executar apressadamente um mínimo de leitura e, dessa forma, não podem servir de modelos ou de exemplos aos seus alunos, nem fornecer o seu testemunho como leitores assíduos e maduros. (SILVA, 1991, p.82)

Conforme este autor, pesquisas têm demonstrado que o domínio e a prática de processos de leitura são fatores responsáveis e essenciais para o sucesso acadêmico de qualquer estudante. Para ele, não há falta de entusiasmo ou esforço dos alunos. O que de fato falta é uma metodologia adequada para um melhor aproveitamento das aulas e tempo dedicado à leitura e, além disso, os professores devem ser leitores e terem a paixão pela leitura, pois o aluno percebe facilmente a importância e o valor que é atribuído pelo professor à leitura.

Ler para instruir-se, ler por prazer, ler para compreender as relações que se estabelecem na sociedade.

a leitura da palavra precede a leitura do mundo, pois a leitura deve possibilitar uma visão crítica da realidade social e dos problemas ali existentes para que o sujeito-leitor possa se constituir compreendendo o motivo das coisas como resultado de uma prática historicamente construída.(FREIRE, 1992).

Portanto, um dos grandes desafios que se coloca à escola hoje, é retirar a leitura do esquecimento a que tem sido relegada nos últimos anos e torná-la o centro de todas as discussões pedagógicas que ocorrem na escola. Tendo o docente a responsabilidade de agregar idéias e valores pertinentes e concatená-los em um objetivo viável para despertar no educando o sentimento de necessidade do ato de ler. O envolvimento e a preocupação de buscar alternativas para essa questão devem ser compromisso dos professores. Assumir essa discussão como uma necessidade urgente é imprescindível. Porém, é preciso que se tenha claro que não existem receitas prontas. Há um longo caminho a ser percorrido. Há necessidade de o professor abandonar as posições em que a responsabilidade é sempre atribuída

aos outros ou às mais diferentes instituições. Deve-se abandonar o discurso da preocupação com a leitura e assumir de fato uma preocupação com a prática, adquirindo uma postura preocupada com uma fundamentação teórica que possa subsidiar uma nova postura metodológica, cumprindo o papel que lhe cabe neste processo. Além disso, é imprescindível que ele próprio se constitua um leitor. Busque o interesse do aluno, motive-o e desperte nele o desejo e a paixão, “...para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 1995.)

Logo a principal tarefa é compreendermos que, apesar das lacunas existentes na formação dos professores – resultado de políticas implementadas na educação – não há justificativa para que se continue com a manutenção dessa estrutura educacional.

Ler é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não ambigüidades, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar, aprender a ousar, para continuar quando, às vezes, se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais. (FREIRE, 1995 p.190).

A prática do professor que não têm noção do que está fazendo só serve para afastar o aluno da leitura. E a imposição do cânone literário — muitas vezes indigesto — acaba fortalecendo a idéia de que literatura é só o cânone — que, para a maioria dos alunos, é sinônimo de chatice. Além disso, essa imposição acaba por mistificar a literatura. Se há uma elite que elege o que é bom, o restante do público em potencial, ou passa a fazer parte de um grupo de privilegiados — os que têm acesso à literatura -, ou é excluído, pois a literatura é vista como algo para iniciados. E essa mistificação, somada às condições em que se encontra o

magistério, faz com que os professores também não leiam.

O professor que quer incentivar a leitura tem de ser, antes de tudo, leitor. E, segundo o escritor Paulo Venturelli, "*um leitor em permanente construção*". Só um professor que é leitor e tem consciência do valor da leitura consegue criar leitores e ensiná-los a ler o mundo. A literatura alimenta a leitura: quanto maior a dimensão cultural do leitor, melhor ele lê; quanto mais ele lê, maior sua dimensão cultural.

A formação do discente que faz da leitura uma constância deve ser iniciada nas series iniciais, pois este hábito alicerçado na prática resultará em um educando que terá capacidade de discernimento, e controverterá idéias que julgar ambíguas. Fica então claro que a responsabilidade do educador nesse aspecto é alta, pois sua conduta influenciará e, em alguns momentos, determinará a posição do aluno sobre a leitura. Como a prática da leitura baseia-se na freqüência o docente deve mostrar-se assíduo nas atividades literárias, pois assim aguçar e incitara sua classe para fazer do ato de ler uma atividade extraclasse.

Para Nóvoa (1997 p.26): "*A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando*". Sendo assim o docente fazendo uso da simbiose deve deixar de lado a posição exclusiva que lhe cabe, e trazer o alunado para ativa participação no processo da leitura. Já Freire, (1996, p.43) afirma que: "*É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática*". Pois, assim deixar claro para os educandos que a descoberta na leitura tem valia para ambas as partes, sendo a reciprocidade uma característica existente e necessária.

O estudo do desenvolvimento da educação entre nós mostra que somente com a fundação de escolas, formação de professores, advento de livros de texto, possibilitou-se o aparecimento de uma literatura, a escolar, intimamente ligada à literatura infantil propriamente dita. Ou melhor, aquela é a gênese desta na perspectiva do nosso processo de formação. (ARROYO, 1992)

O professor protagonista orienta, conduz, mas também sabe se colocar no lugar do coadjuvante permitindo que seus alunos sejam protagonistas (construtores)

de seus processos educativos enquanto seres íntegros (seres pensantes, sensíveis, sociais). Esse educador oferece instrumentos para que o aluno caminhe com autonomia. Ele pontua, interfere, ajuda a ver o que não se via antes. Ele observa, fala, ouve e aprende com o aluno. Esse educador precisa ser um leitor de si, do outro, do mundo. Precisa aprender a ler. Precisa saber ler e conduzir os passos para uma leitura mais ampla. Precisa ser um pesquisador. Precisa ensinar a ler e a estudar.

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez. (Borges, 1988).

Antagonizar o pressuposto que a leitura se limita a uma questão técnica, pois conforme Borges, *“o ato de ler não pode se restringir à decodificação de letras, e sim em uma atividade transformadora e relevante”*, considera-se a escola o lugar de se aprender a ler e a gostar de ler. Nesse lugar, desempenha papel fundamental o professor. Ele, como “texto”, será o parceiro, o mediador, o articulador de muitas e diferentes leituras, de muitos e diferentes textos. É o que sugere Silva (1991). Depois de afirmar que o professor é o melhor “livro” a ser lido pelos alunos, o autor mostra que, agindo assim, o professor é o responsável pela interdisciplinaridade, na medida em que faz incursões pelos diferentes campos do conhecimento.

As possibilidades existentes da participação direta do professor na vida de leitor do aluno são uma situação exequível, porém a atitude docente é que determinará o sucesso, ou não, da transformação de passividade para uma constância prazerosa e eficaz.

Se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores.

Digamos que seu principal papel é o de articular princípios e práticas. E isso significa que tudo que vem sendo e vai ser dito sobre a leitura da literatura precisa

fazer parte da vida do professor, “... a característica fundamental do ser humano não é o raciocínio, mas sua capacidade de criar, entendida como capacidade de fazer surgir o que não estava dado, permitindo-nos recriar o mundo...” (CASTORIADIS, 1992).

Significa também que é preciso trazer a leitura para a sala de aula, para "despertar" o sabor de ler; que é preciso propiciar condições para o prazer como satisfação de necessidades, para a consciência da moda e do aspecto social da leitura e do gosto, para a argumentação fundamentada e para o julgamento estético, com vistas à tomada de consciência das opções em função dos propósitos do sujeito leitor.

A formação e a transformação do gosto não se dão num passe de mágica. Com a escola – em que pesem as restrições de sua incompetência competente – concorrem todos os outros estímulos e desestímulos com os quais convivem professores e alunos nas horas restantes do dia. Parece que a saída mais coerente para o trabalho que se propõe ao professor possa ser buscada na práxis – sempre compartilhada – que lhe ofereça segurança e permita a interferência crítica. Cabe ao professor romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço. Para isso é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie o movimento.

Desse ângulo, a leitura, enquanto processo de construção de conhecimento, envolve procedimentos didático-pedagógicos decorrentes da opção por princípios como os discutidos aqui.

A leitura não acontece isolada, na sala de aula, e deve estar articulada às práticas de produção e análise de textos, para que se caracterize como conhecimento de opções, que, à medida que se tornam conscientes, podem ir sendo utilizadas pelos alunos para seus propósitos de leitores e autores”. (MAGNANI, 1991).

A formação do gosto envolve também a diversidade como princípio norteador da seleção e utilização dos textos literários e da reflexão sobre o desenvolvimento dos sujeitos/alunos, para um aqui e agora e para um vir-a-ser que se constroem. As leituras de que os alunos gostam podem e devem servir como ponto de partida para

a reflexão, análise e comparação com outros textos (inclusive os produzidos pelos alunos), articuladas aos objetivos didático-pedagógicos da série.

Saber por que o aluno ou o professor gosta deste ou daquele tipo de texto é um caminho importante a ser explorado. O estudo crítico e comparativo dos textos em sua totalidade (condições de emergência, utilização, funcionamentos conformes e disfuncionamentos) apresenta-se como forma de desmistificar e desautorizar o modelo; de recuperar o prazer de saber que há muitos jeitos de ler e de escrever e que não são casuais; de perceber que o prazer não se compra em lojas, nem é automático. Mas depende da emoção e da percepção (que se aprendem) mais ou menos clara e consciente do trabalho particular de, com e sobre a linguagem, da satisfação de novas necessidades de desenvolvimento. Se entendermos que os gostos não são naturais, nem imutáveis, nem sucessivos, mas que se integram ao processo de desenvolvimento em sobressaltos, em que o sujeito vai superando a si mesmo, traçando seu percurso histórico rumo a um objetivo que é sempre provisório e ponto de partida para novos avanços, o trabalho com a leitura da literatura tem de levar em conta essa luta da criança e do jovem (e do professor) inserida na luta e nas contradições da linguagem. É preciso problematizar a noção de carência, geradora de uma pedagogia da facilitação, deslocando o impasse da adequação demagógica ou imposição autoritária para o problema da superação crítica e histórica do gosto, com base numa pedagogia do desafio do desejo.

Terminemos por outras obviedades: o professor é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; alguém que lê, estuda, expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que propõe a seus alunos. Os critérios de seleção e utilização de textos pelo professor devem ser, também, aqueles relacionados à sua freqüentação de leitura.

O 'como fazer' para se ensinar/aprender o gosto não se desvincula dos princípios a serem praticados por professores e alunos de acordo com suas necessidades históricas. Não há receitas. Há vivências. E reflexões sobre elas. (MAGNANI, 1994, p. 103).

A formação do gosto não se baseia em exercícios escolares de interpretação. Diz respeito à vida, à formação de uma visão de mundo. Não basta



falar sobre a pluralidade de significações e possibilidades de interpretação. É preciso fazer da contradição e, da busca de sua superação uma prática/vivência cotidiana de sala de aula e de vida. E a construção de uma história coletiva que conta no jogo das interpretações. É um conhecer para gostar. É um conhecer para agir. Não nos podemos omitir. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe, como sujeitos/professores, de nos formarmos como leitores para (e enquanto) interferirmos criticamente na formação de outros leitores.

As perspectivas para a formação do leitor que queremos não passam somente pela boa vontade ou atualização das técnicas do professor. Esta proposta de formação do gosto nem se assenta em produtos, nem é controlável: é um movimento vivo de contradições que instigam caminhos mais adequados de superação, a partir dos princípios que iluminam o perfil de sociedade que queremos.

A história se constrói não pelo acaso, nem pelo descaso (pelo menos como a queremos), mas pelo agir consciente de sujeitos e grupos sociais nela envolvidos para transformar a realidade. E a leitura pode mobilizar a imaginação, oferecendo inúmeras opções. E aí, quem sabe, um dia, contemplando nosso trabalho e seus sobressaltos, possamos vir a compreender que a história que inventamos também pode ser mais bonita que a de Robinson Crusóé. (MAGNANI, 1994).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. NATUREZA DA PESQUISA**

Segundo GIL (2002, p.17) pesquisa é o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. É requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema ou ainda quando a informação disponível é suficiente para solucionar a questão.

Pesquisar é um fato natural e necessário a todo indivíduo. Contemporaneamente, a pesquisa tornou-se uma atividade comum não só entre cientistas, mas, para todas as pessoas atuantes na sociedade. O professor, o comunicólogo, o aluno, o consumidor podem dentro de sua área de ação, tomar a pesquisa como um meio para o estudo e diagnóstico das suas dificuldades e/ou possibilidades. (BARROS e LEHFELD; 2000 p.67).

Neste caso, nós como professores, utilizaremos o método do estudo de caso que se preocupa com a análise contextualizada e qualitativa da situação visando a melhor compreensão dos significados, valores, pontos de vista dos sujeitos – alunos, professores – que constituem os sujeitos e protagonistas da realidade educacional.

Para a realização deste trabalho, tomamos como base uma problemática vivenciada praticamente por todos os agentes envolvidos no processo educativo que é a Leitura, pois, segundo Perrenoud:

o professor conhecer e saber interpretar sua própria ação didática é uma tomada de consciência do que lhe parece de bom senso, mobilizando esquemas e métodos para dominar a realidade e torna-la familiar, percebendo que o senso comum não é tão amplo quanto parece. (2001, p.65)

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais

profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO; 1995 p.21-22).

Segundo Manolita Correia Lima (2004), a pesquisa de abordagem qualitativa reúne alguns méritos:

a) A importância do singular assumida na investigação dos fenômenos sociais acaba contribuindo no resgate da idéia de o homem ser reconhecido como o *singular universal* no processo investigatório;

b) Valoriza a idéia de intensidade em detrimento da idéia de quantidade;

c) A credibilidade das conclusões alcançadas é reflexo das multiperspectivas resultantes das diferentes fontes de consultas exploradas pelo método qualitativo. Isto pressupõe um olhar profundo e prolongado da realidade investigada;

d) A quantidade de tempo envolvida no processo de investigação somada à intensidade dos contatos estabelecidos entre o pesquisador e os sujeitos da investigação correspondem a fatores que reduzem significativamente a *fabricação* de comportamentos “maquiados”, convenientes, *de fachada*;

e) A quantidade de tempo envolvida no processo de investigação somada à multiplicidade de fontes de evidência figuram como fatores que dificultam o pesquisador manter *pré-conceitos* frente ao objeto da investigação.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório que tem como objetivo “o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2000, p.41). Seu planejamento é bastante flexível, possibilitando desta forma, considerar os variados aspectos relativos ao problema em estudo. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (Selltiz et al., 1967, p.63). Pode assumir a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Neste contexto, será realizado um estudo de caso, cujos procedimentos favorecem o alcance dos objetivos propostos sendo que o grande valor deste estudo está em “fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada, de modo que os resultados atingidos podem permitir formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas”.(TRIVIÑOS; 1992 p.111).

O estudo de caso consiste no estudo aprofundado de um ou poucos objetos, de maneira a permitir um amplo e detalhado conhecimento acerca do problema que motivou a pesquisa. Parte da premissa de que é possível explicar um determinado fenômeno com a exploração intensa de uma única unidade de estudo (estudo de caso holístico) ou de várias unidades de estudo (estudo de casos múltiplos) para possibilitar a elaboração de exercícios de análise comparativa. Envolve a realização de exercícios sistematizados de descrição e de análise das unidades de estudo consideradas, utilizando para isto, diferentes fontes de evidência, com o objetivo de compreendê-la internamente, de acordo com seus próprios termos.

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. “Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social” (Goldenberg, 200, p.34).

Ainda segundo Mirian Goldenberg, não é possível formular regras precisas sobre as técnicas utilizadas em um estudo de caso porque cada entrevista ou observação é única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados.

É possível definir um conjunto de etapas que podem ser seguidas para a sua realização:

a) Formulação do problema

É a etapa inicial da pesquisa e geralmente decorre de um processo de reflexão e da análise de fontes bibliográficas adequadas

b) Definição da Unidade-Caso

No contexto do estudo de caso a unidade-caso pode ser definida como o grupo que será o alvo do estudo como, por exemplo “uma família ou qualquer outro grupo social, uma organização, um conjunto de relações, um papel social, um comunidade, uma nação ou mesmo toda uma cultura”.(GIL, 2002, p.138)

Os critérios de seleção dos casos variam de acordo com os propósitos da pesquisa. No caso da presente pesquisa trata-se de um estudo de caso coletivo, pois, “o

propósito é o de estudar características de uma população... porque acredita-se que, por meio deles torna-se possível aprimorar o conhecimento acerca do universo a que pertencem”. (GIL, 2002, p.138)

c) Definição do Número de casos

Os estudos de caso podem ser constituídos tanto de um único quanto de múltiplos casos. A utilização de múltiplos casos é a situação mais freqüente nas pesquisas sociais porque proporciona evidências inseridas em diferentes contextos, concorrendo para elaboração de uma pesquisa de melhor qualidade.

d) Elaboração do Protocolo

É o documento que contém o instrumento de coleta de dados e também a definição da conduta a ser adotada para a sua aplicação.

e) Coleta de Dados

No estudo de caso utiliza-se sempre mais de uma técnica para a coleta de dados. Segundo Antônio Carlos Gil (2002), esta estratégia constitui-se num princípio básico, pois mediante a utilização de procedimentos diversos se garantirá a qualidade dos resultados obtidos.

Podemos afirmar que com relação à coleta de dados o estudo de caso é bastante completo, pois, vale-se tanto de dados de gente quanto de dados de papel. Estes dados podem ser obtidos através da análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos.

f) Análise dos Dados

Como o estudo de caso faz uso de variados procedimentos de coleta de dados, o processo de análise e interpretação pode envolver diferentes modelos de análise, porém é natural admitir que a análise dos dados seja de natureza predominantemente qualitativa.

#### g) Redação do Relatório

Os relatórios dos estudos de caso apresentam atualmente uma estrutura muito próxima a dos demais relatórios de pesquisa, envolvendo partes destinadas à apresentação do problema, à metodologia empregada, aos resultados obtidos, e às conclusões.

É interessante salientar que o pesquisador orientado pelo enfoque qualitativo tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo, mas os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. Essa pesquisa deve ter uma estrutura coerente consistente, original e objetiva capaz de merecer a aprovação dos cientistas num processo inter subjetivo de apreciação.(TRIVIÑOS; 1987 p.133).

Já é tempo, pois, de os professores refletirem sobre suas próprias experiências, buscando descobrir os fenômenos escolares por meio da investigação. Isto por ser um exercício interessante capaz de explorar compreensões e sentimentos antes não percebidos, ao se esclarecer os fatos investigados sobre o cotidiano escolar. Trabalhar com pesquisa é permitir a reconstrução das próprias experiências, exigindo que a relação dialógica se instale, criando uma cumplicidade com o novo e descobrindo outros caminhos para o exercício de uma prática pedagógica mais democrática. Esta compreensão é fundamental para aqueles que se dedicam à análise e à investigação, criando novas bases de conhecimento de sua própria prática.(Guia de Formação; 2003 p.227).

A importância da investigação pedagógica é orientar os professores para uma ação mais concreta, valorizando a articulação entre teoria e a prática e reconhecendo a importância dos saberes da experiência e da reflexão crítica na melhoria de sua própria prática pedagógica.(Guia de Formação; 2003 p.238).

## **3.2. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO**

Considerando que Minayo (1995, p.43) enfatizou que, a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e sim numa amostragem que possibilite abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões; ressalta-se que o público alvo desta pesquisa concentra-se em alunos e professores da 4ª série de duas Instituições Públicas de Ensino do Distrito Federal, sendo uma localizada em Ceilândia e a outra em Santa Maria, ambas atendendo crianças na modalidade do Ensino Fundamental – 1ª a 4ª séries. As comunidades das duas instituições são de baixo poder aquisitivo e pouco participativa no cotidiano escolar.

## **3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

A coleta de dados é a fase em se indaga objetivando obter dados da realidade pesquisada por meio de técnicas específicas que variam de acordo com a informação que se deseja alcançar. No presente estudo optamos pelas técnicas de questionário com perguntas abertas e entrevista semi-estruturada.

O questionário, instrumento mais utilizado para a coleta de dados, é constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem interferência do entrevistador. É constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Junto com o questionário é importante que se envie uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, de forma que desperte o interesse do recebedor para que ele preencha e devolva-o. Sellitz (1965, p.281) afirma que “o patrocinador, a forma atraente, a extensão, o tipo de carta que o acompanha solicitando colaboração, as facilidades para seu preenchimento” são motivos que influenciam no retorno dos questionários por parte dos recebedores. O questionário pode ser enviado pelo correio ou por um portador.

Existem os questionários com perguntas fechadas ou abertas e ainda a combinação dos dois tipos. Para a presente pesquisa optou-se pelo questionário

misto que combina os dois tipos de perguntas. De acordo com Correia (2004, p.62) questionários deste tipo permitem ao respondente “elaborar uma alternativa de resposta capaz de traduzir com maior fidedignidade aquilo que sabe/pensa sobre os temas/problema investigado” (...)

O questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade. Não deve ser muito longo, pois pode causar fadiga ao respondente e também não deve ser curto porque incorre no risco de não oferecer informações que satisfaçam a pesquisa.

O outro instrumento a ser utilizado para a coleta de dados é a entrevista. Segundo Lüdke e André (1986), ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. Neste sentido, estas autoras ressaltam que na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. A entrevista consiste no encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha dados, informações, opiniões, impressões, interpretações, posicionamentos, depoimentos, avaliações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza acadêmica e/ou profissional.

A entrevista, devido à intensidade do contato e à profundidade na comunicação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, resulta em um material rico em termos descritivos, analíticos, ilustrativos e explicativos.

Uma entrevista pode ser estruturada ou não-estruturada. Devido a sua natureza far-se-á uso da entrevista estruturada que é aquela que possui questões previamente formuladas. O objetivo da padronização é obter dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas permitindo “que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas” (Lodi, 1974, p.16). Logo, a entrevista estruturada permite que as respostas sejam comparáveis à medida que derivam de uma relação fixa de perguntas.

O roteiro que caracteriza as entrevistas como estruturadas reflete um detalhamento minucioso da problemática investigada. É um recurso bastante válido para pesquisadores com pouca ou nenhuma experiência com o uso desta técnica, tendo em vista que a formulação prévia do rol de perguntas diminui a ocorrência de



imprevistos como “brancos de memória”, perguntas mal elaboradas, excessos ou insuficiências além do tal planejamento imprimir uma imagem de credibilidade do pesquisador e da pesquisa ao entrevistado.

#### **4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Os dados sondados têm como cerne ratificar a importância do ato de ler para o sucesso no processo de aprendizagem dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental. A necessidade analítica dos dados dar-se-á para respaldar coerentemente os resultados suscitados ao longo do processo de investigação, serão articulados com a fundamentação teórica, relevando as considerações pertinentes e concatenando-as com as experiências dos indivíduos.

##### **4.1. O olhar discente**

A análise pertinente aos resultados da investigação com os educandos inicia-se com a verificação quantitativa, aonde a questão inicial refere-se à idade individual do grupo de discentes indagados, que perfazem um total de 20 (vinte), foram registradas respectivamente os seguintes dados: 1 (um) possui 9 (nove) anos de idade, 9 (nove) se encontram na faixa dos 10 (dez) anos, 6 (seis) educandos com 11 (onze) anos, há ainda 2 (dois) com 12 (doze) anos de idade e 1 (um) com 14 (quatorze), e também um último discente que optou por não informar a idade.

Como questão de análise para verificar o tipo de residência dos educandos, foi solicitado ao grupo de respondentes que informassem com quem residem. Posteriormente ao levantamento de dados foi verificado que 11 (onze) educandos residem com os pais. Este grupo refere-se às mães e aos pais na mesma residência. Houve, ainda, 5 (cinco) respondentes que disseram morar apenas com suas mães, 1 (um) informou que reside com avós e tios além de seus pais. Há 1 (um) que reside apenas com seus avós e tios, 1 (um) que comunicou morar com pais e avós, e 1 (um) último entrevistado que reside com seus tios além de pais.

A questão da leitura no ponto de vista discente pode trazer situações interessantes, que surpreendem e colaboram para tornar o ato de ler uma constância na vida acadêmica do aluno. Querer apenas idear o que os educandos pensam sobre a importância da leitura na vida da escola, é uma atitude ambígua, devido a este motivo os alunos respondentes informaram o que representa a leitura no seu ponto de vista, ou seja, o que é ler para eles. Com as respostas dos discentes verificou-se que 5 (cinco) deles tem a leitura como uma maneira de viajar com o inconsciente, imaginar situações até então fantasiosas, idéia esta pertinente, pois de acordo com Jesualdo (1978, p.112) afirma:

é que o homem, acumulando experiências, após uma longa contemplação da natureza e seus fenômenos, foi obtendo o domínio sobre o mundo exterior e, na esperança de dominá-lo totalmente, tratou de criar um mundo onde, desde o princípio tudo está sujeito à sua vontade.

Entre o grupo de alunos que se dispuseram a responder, 6 (seis) afirmaram que a leitura é um instrumento para o aprendizado e 3 (três) para o entendimento das questões relacionadas à escola, isto é, condizente com a idéia de ORLANDI (1988), pois este ressalta que "...a leitura pode ter vários sentidos como: na escola significa o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura também pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições". Como as possibilidades sobre a leitura são inúmeras houveram 2 (dois) discentes que concatenaram o ato de ler com o fato de conhecer coisas boas, isso dar-se-á por:

Na expressão livre do aluno não é somente favorecer-lhe o domínio do código lingüístico, mas é também e principalmente, por meio desse domínio, criar condições favoráveis para que ele – indivíduo e ser social, co-detentor e co-construtor de uma cultura – possa ampliar cada vez mais a sua capacidade de criar, de se comunicar e de se expressar (FREINET apud SANTOS, 1994 p. 25).

O prazer em ler algo é uma atitude existente, como respondeu 1 (um) dos educandos, “o desenvolvimento do interesse e hábito da leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e contínua ao longo da vida...” (ZOTZ apud CAGNETI, 1996, p. 25). A leitura tem por algumas vezes a definição equivocada de somente servir para instrução, sabe-se que o ato de ler também coopera para amenizar frustrações, relaxar e acalmar, idéia compartilhada com 1(um) dos discentes respondentes e respaldada no conceito de Todorov (1979) que diz o seguinte: ao interpretar a leitura, ao se apropriar das mensagens de forma diferenciada ou simplesmente ao proceder a uma interpretação, o leitor sai do mundo dos personagens e volta ao seu lugar natural, isto é, de leitor (p. 150/151).

Anteriormente o ato de ler foi classificado como uma maneira de aprender. 1 (um) educando que respondeu ao questionário acrescentou a idéia de aprender com a leitura, o fato da mesma também divertir ao leitor, de acordo com a definição de

Zilberman (1995), chama de “leitura emancipatória” aquela que utiliza as oportunidades ficcionais desencadeadas pela fantasia para conduzir a atenção da criança à discussão dos valores que a circundam e, ao mesmo tempo, está assentada na realidade imediata percebida pelo leitor. Esta leitura emancipatória, organizada dentro de atividades participativas e lúdicas, pode ser um fator decisivo, não só para a alfabetização, mas para toda a educação do leitor.

Ainda relacionado a questão das definições de leitura sobre os pontos de vista dos discentes 1 (um) destes relacionou o ato de ler como um meio de estudar para ser inteligente quando adulto, uma definição coerente pois: “*ensinar a aprender é criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão a sua disposição na sociedade*” (BAGNO, 1998).

A satisfação no ato de ler dar-se-á principalmente quando o que se é lido é da preferência do leitor, pois um leitor satisfeito sempre busca novas possibilidades. O que você mais gosta de ler? Essa foi uma das questões respondidas pelos educandos, e assim foram suas respostas, 13 (treze) têm sua preferência de leitura nos livros, as revistas interessam mais a 3 (três) educandos, 15 (quinze) preferem fazer leitura de gibis, há 1 (um) que entre todos prefere o jornal, também 1 (um)

discente que tem nos rótulos sua preferência de leitura e 1 (um) último que tem na poesia a forma de satisfação de leitura. Todas as anteriores demonstram que o fato de se ler o que gosta é muito importante, a satisfação não é análoga a um capricho, e sim, uma determinância para se formar um leitor, pois a variação literária é um instrumento para seduzir o leitor:

A literatura infantil é muito variada, ela se manifesta principalmente através do gênero narrativo, seja o conto, a lenda ou a fábula, todos são encantadores e conseguem transportar o aluno para a fantasia de um mundo imaginário (BETTELHEIM, 1988, p. 55).

A leitura e o prazer não restringem-se a um tipo de texto a ser lido, outra situação é de fundamental importância para se ter um leitor satisfeito, o local onde esse aprecia fazer sua leitura. Partindo dessa questão, onde você mais lê, os respondentes respectivamente informaram suas localidades de preferência para ler, e 11 (onze) têm em suas casas o local ideal para ler, já para 6 (seis) é a escola o lugar onde eles apreciam fazer sua leitura, a biblioteca e a sala de leitura foram a preferência de 5 (cinco) respondentes, houveram 2 (dois) educandos que informaram que independente do local o importante para se ler é um ambiente silencioso.

As possibilidades em torno da leitura são inúmeras, aprender, entender, compreender e imaginar, a cada pessoa compete definir a importância da leitura, pois só ela tem ciência do benefício da leitura para si. O questionário sondou essa parte importante do ato de ler, e 11 (onze) educandos lêem para se promoverem na aprendizagem, pois:

Literatura infantil, nesta medida é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missa pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura a de “conhecimento de mundo e do ser”, como sugere Antônio Candito, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além - propiciar os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. Integrando-se a este projeto libertador. A escola rompe suas limitações inerentes a situação com a qual se comprometeu na sua gênese. E esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferece a educação. Aproveitada em sala de aula da sua natureza ficcionista, que aponta um

conhecimento de mundo e não enquanto súbita do ensino de boas maneiras, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 1988, p.16).

Como outra forma de pensamento 5 (cinco) respondentes fazem da leitura uma prática para relaxar e descansar. Ao interpretar a leitura, ao se apropriar das mensagens de forma diferenciada ou simplesmente ao proceder a uma interpretação, o leitor sai do mundo dos personagens e volta ao seu lugar natural, isto é, de leitor (TODOROV, 1979, p. 150-151).

Entender e comunicar-se com o mundo foi a resposta de 1 (um) discente. Essa também é a perspectiva de trabalho coerente com os estudos de Soares (1995) pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social.

O benefício da leitura para todos foi o que 2 (dois) alunos responderam, pois assim afirma Freire:

a leitura da palavra precede a leitura do mundo, pois a leitura deve possibilitar uma visão crítica da realidade social e dos problemas ali existentes para que o sujeito-leitor possa se constituir compreendendo o motivo das coisas como resultado de uma prática historicamente construída (FREIRE, 1992).

Como resposta diferenciada 1 (um) educando lê devido a variação de gêneros literários, idéia condizente com a seguinte definição: *“só quando a leitura fizer parte do ambiente cultural de um povo, só quando existirem livros identificados com os anseios e gostos das diversas faixas etárias de uma população é que podemos afirmar que todos gozam do mesmo direito de ler”* (ZOTZ, 1996, p. 22).

As questões elaboradas visam buscar informações sobre o perfil do leitor, não com a finalidade de criar um estereótipo, mas para criar práticas que colaborem com o ensino da prática da leitura. Do grupo de respondentes 18 (dezoito) disseram sim para a questão: A leitura já modificou sua vida? Enquanto somente 2 (dois) optaram pelo não. Dos optantes pelo sim, 3 (três) concatenam a leitura ao fato dela provocar

calma e sossego, pois assim afirma Todorov (1979) ...ao interpretar a leitura, ao se apropriar das mensagens de forma diferenciada ou simplesmente ao proceder a uma interpretação, o leitor sai do mundo dos personagens e volta ao seu lugar natural, isto é, de leitor.

Promover a aprendizagem foi o que informou 7 (sete) respondentes, resposta que faz analogia a seguinte fundamentação:

Literatura infantil, nesta medida é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missa pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura a de “conhecimento de mundo e do ser”, como sugere Antônio Candito, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além - propiciar os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. Integrando se a este projeto libertador. A escola rompe suas limitações inerentes a situação com a qual se comprometeu na sua gênese. E esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferece a educação. Aproveitada em sala de aula da sua natureza ficcionista, que aponta um conhecimento de mundo e não enquanto súbita do ensino de boas maneiras, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 1988, p.16).

A relação humana também pode ser influenciada pelo ato de ler, pois como 2 (dois) alunos informaram a leitura trás melhoras no comportamento interpessoal (...) no desenvolvimento cultural da criança, toda função aparece duas vezes: primeiro, em nível social e, mais tarde, em nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da própria criança (intrapsicológica). (VYGOTSKI, 1979).

A cooperação da leitura no processo ensino-aprendizagem é um fato cónito, o aluno leitor certamente possui suas capacidades potencializadas, idéia esta compartilhada com 1 (um) respondente.

Também existem situações onde o aluno leitor faz constantes descobertas através daquilo que lê.

A teoria da necessidade apresenta um, método comum de analisar motivações. Presume-se que o indivíduo se comporta como o faz para satisfazer uma necessidade. Algumas das primárias motivações de comportamento em nossa cultura são a necessidade de afeto, de se sentir parte de alguma coisa, de aprovação, independência e adequação. [...]

Aprendendo a ler bem o aluno descobre maneiras de satisfazer essas importantes necessidades (GLOCK, 1997, p.65 ).

A descoberta foi a resposta de 3 (três) educandos, que justifica-se na citação anterior.

Nutrir as idéias e o conhecimento por meio da leitura torna-se pertinente, exercitar a imaginação criadora também é a opinião de 1 (um) aluno respondente.

Literatura infantil é muito variada, ela se manifesta principalmente através do gênero narrativo, seja o conto, a lenda ou a fábula, todos são encantadores e conseguem transportar o aluno para a fantasia de um mundo imaginário (BETTELHEIM, 1988, p. 55).

Quando se lê algo, a motivação para terminar a leitura dar-se-á cadencialmente, pois o interesse sobre o texto aumenta, ou diminui, dependendo da qualidade textual e da expectativa do leitor, idéia pertinente a resposta de 1 (um) educando.

A leitura não pode ser isolada a vida de uma pessoa, esta para ler, necessita ser incentivada e orientada, de acordo com as respostas dos educandos os que mais têm esta prática em suas vidas de leitores são: os pais, para 9 (nove) respondentes, 15 (quinze) citam os professores como maiores incentivadores à leitura, 3 (três) têm nos colegas essa motivação, outros 3 (três) são estimulados pelos parentes e 1 (um) afirma que a tia o proporciona estímulo para ler.

A leitura, na perspectiva abrangente influencia vários fatores, que podem estar, ou não, ligados a escola. O discente possui sua significância no processo de estímulo ao ato de ler. As situações analisadas anteriormente restringiam-se ao ponto de vista do educando sobre o ato de ler. As informações que seguirão são respaldadas na ótica docente, ou seja, fundamentar-se-ão na vivencia acadêmica do professor.

## 4.2. O olhar docente

A análise das informações sobre a visão docente inicia-se pela área de formação de cada professor respondente, onde 5 (cinco) foram o número de respondentes. Destes, 2 (dois) possuem formação na área de História, e 3 (três) possuem graduação na área de Pedagogia.

Prosseguindo com a análise quantitativa, foi indagado o número de anos de experiência no magistério a cada docente, aonde resultou nos seguintes números: 1 (um) atua no magistério há 6 (seis) anos, 1 (um) que está há 7 (sete) anos na atividade de docência, 1 (um) outro que há 9 (nove) exerce a profissão de professor e 2 (dois) que estão atuando no magistério há 12 (doze) anos. Tempo de experiência que influenciará nas questões que serão apresentadas.

Como no questionário elaborado para os discentes, a questão sobre o que é ler foi inserida, e para 2 (dois) docentes ler refere-se à conhecimento, é o que sugere Silva (1991). Depois de afirmar que o professor é o melhor "livro" a ser lido pelos alunos, o autor mostra que, agindo assim, o professor é o responsável pela interdisciplinaridade, na medida em que faz incursões pelos diferentes campos do conhecimento. Os outros 3 (três) acrescentaram ao conhecimento o fato de que ler também leva o leitor a imaginar, ambas idéias fundamentam-se na perspectiva de Borges (1988), *“o ato de ler não pode se restringir à decodificação de letras, e sim em uma atividade transformadora e relevante”* (p. ).

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez ( BORGES, 1988, p.).

A apreciação do ato de ler é uma atitude que gera resultados pois, o professor que lê contamina seus alunos, o gosto pela leitura não deve ser um fato a se desconsiderar, deve ser explícito para que seja um exemplo a ser seguido, na questão de gostar de ler foi unânime a resposta dos docentes, os 5 (cinco) apreciam a leitura, *“...para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”* (KLEIMAN, 1995,p.).



Ler é uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não ambigüidades, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar, aprender a ousar, para continuar quando, às vezes, se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais (FREIRE, 1995, p.190).

O tipo de leitura que o docente tem em seu cotidiano influencia diretamente no que ele irá ministrar em classe, 4 (quatro) respondentes disseram gostar da leitura de jornais, 5 (cinco) também incluem em suas preferências o livro, revistas são de agrado de 2 (dois), e a Bíblia Sagrada faz parte da leitura constante de 2 (dois) dos docentes. Pois:

A questão é saber se, no caso da leitura, os professores, eles próprios, servem de bons exemplos aos alunos - leitores, o que significa dizer se os professores são, eles mesmos, bons leitores. Tudo leva a crer que o mundo da leitura dos docentes permanece nos limites daquilo que eles receberam na sua fase de profissionalização. Eu não diria que esta situação decorre de um esquecimento dos professores – melhor afirmar que a carência de atualização na área da leitura resulta das próprias condições enfrentadas pelos professores no que tange à produção do ensino e ao pleno exercício do magistério. Sem condições salariais e de trabalho, sem infra-estrutura de apoio para o encaminhamento da leitura, sem tempo para ler etc., os professores são levados a executar apressadamente um mínimo de leitura e, dessa forma, não podem servir de modelos ou de exemplos aos seus alunos, nem fornecer o seu testemunho como leitores assíduos e maduros (SILVA, 1991, p.82).

A maneira de ministrar a leitura em classe pode ser determinante na formação do aluno leitor, como inserir o hábito de ler no cotidiano dos discentes, 5 (cinco) docentes incentivam o hábito da leitura e acrescentam a prática diária da leitura em

suas classes. Para Nóvoa (1997, p.26): “*A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando*”.

Relevar o interesse do educando na leitura foi uma das opções para 4 (quatro) professores. Pois assim afirma:

A leitura não acontece isolada, na sala de aula, e deve estar articulada às práticas de produção e análise de textos, para que se caracterize como conhecimento de opções, que, à medida que se tornam conscientes, podem ir sendo utilizadas pelos alunos para seus propósitos de leitores e autores” (MAGNANI, 1991).

Os melhoramentos que a hábito de ler trás para o aluno na escola podem até ser discutidos, mas é cógnito que existem e são benéficos. Para 2 (dois) professores isso pode ser observado nas produções literárias de seus educandos, outros 2 (dois) afirmam que a interpretação sobre textos de seus alunos ascende com o ato de ler, “*existem três propósitos fundamentais da leitura que ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas da comunicação leitor-texto: compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem*” (SILVA, 1994, p. 26). Entre os respondentes 1 (um) cita a influência da leitura na melhora da atenção e concentração dos alunos.

A prática Docente pode ser influenciada pela leitura, o professor acresce a sua conduta docente aquilo que ele assimila em suas leituras, ou seja, modifica-se uma maneira de agir baseado na leitura.

... é importante dizer, a leitura de mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem [...] a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘ escrevê-lo, ou de ‘ reescrevê-lo’ ... (Freire, 1981).

A pratica de leitura não é uma tarefa de fácil aplicação na escola, isto devido a empecilhos existentes, estes de acordo com 3 (três) docentes são oriundos do discente possuir dificuldade na leitura, ou seja, não saber ler textos, os outros 2

(dois) citam o desânimo para ler como fator principal de empecilho para a prática do ato de ler.

Se existem dificuldades na prática da leitura em sala de aula, também devem haver estratégias para sobrepujar estes empecilhos.

Quem se dispõe a trabalhar com leitura, se com o fito de transcrevê-los apenas, se com o de recriá-lo [...] Para tanto, deveria trazer consigo uma bagagem de informações e experiências suficiente para reconhecer os limites de sua atuação. Afora isso, é necessário ainda que ame essas histórias, como um príncipe ama sua Cinderela, quer dizer, o bastante para insistir em fazê-la experimentar o sapato, ainda que o pé esteja sujo, e ele não tenha certeza de seu número (SOUZA, 1995, p.132).

Como definir estratégias é uma atividade complexa, cada docente deve angariar informações ao máximo sobre sua classe, para posteriormente aplicá-las. Como estratégia 1 (um) professor faz rodízio de gêneros literários em sua classe, atitude pertinente a seguinte idéia:

Os professores precisam desenvolver uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. E mais: precisam conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia. Essa intimidade e esse conhecimento exigem que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o testemunho vivo de convivência com os textos ao nível da docência não existe como alimentar a leitura junto aos alunos (SILVA, 1997, p )

Estimular o hábito de ler é a estratégia utilizada por 3 (três) professores questionados, “o desenvolvimento do interesse e hábito da leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e contínua ao longo da vida...” (ZOTZ apud CAGNETI, 1996, p. 25).

Dentre os 5 (cinco) respondentes, 1 (um) não citou nenhum tipo de estratégia para superar dificuldades na aplicação da leitura em sala de aula.

O aluno que faz da leitura uma constância em sua vida tem melhoramentos, ascende como discente e pessoa, quais são os reflexos explícitos no cotidiano desse aluno-leitor em classe. 2 (dois) professores citam como melhoramento relevante o

aperfeiçoamento das expressões oral e escrita, para 3 (três) a leitura contribui significativamente para superar as dificuldades da aprendizagem, há 1 (um) que acrescenta as anteriores o aperfeiçoamento da criatividade do discente, condizendo com os estudos de Castoriadis (1992), “... a característica fundamental do ser humano não é o raciocínio, mas sua capacidade de criar, entendida como capacidade de fazer surgir o que não estava dado, permitindo-nos recriar o mundo...” (p. ).

Os dados que foram apresentados mostram a realidade de discentes e docentes sobre a leitura e sua influência na escola. Apesar de ser uma especificidade de dados, podem estes ser usados como reflexo da conduta de professores e alunos no processo ensino-aprendizagem.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a importância do ato de ler para o sucesso no processo de aprendizagem dos alunos de 4º série do Ensino Fundamental, foi o objetivo da nossa pesquisa.

Dentro desse objetivo analisamos a importância da leitura, no decorrer da história da civilização, para o desenvolvimento da criança. E no que se refere a essa análise a leitura é bastante importante na sociedade desde o início das civilizações até hoje. A leitura absorve a cultura, traz a cultura e pode levar a participação ativa do indivíduo na sociedade comunicando-se, informando-se e posicionando-se com clareza, com criticidade e de maneira construtiva nas mais diversas situações.

Ainda investigamos a influência da leitura para a vivência do aluno bem como para o sucesso no processo de aprendizagem. A prática da leitura é fundamental no aprendizado da língua e no fortalecimento do prazer no contato com os textos. E esta relação continua, freqüente e instigante leva o aluno a construir-se como sujeito leitor e conseqüentemente, faz da leitura fonte de aquisição e transmissão de conhecimento.

E por fim investigamos na perspectiva do professor, a importância do incentivo ao hábito da leitura para formação do leitor competente, ou a contribuição do professor na formação do aluno leitor. E no que se refere a esta contribuição, não devemos ver os alunos como uma tela em branco, mas entender que ele necessita sistematizar o conhecimento que traz consigo. O professor é fundamental orientador dessa sistematização, possibilitando a interação do aluno com a leitura, desempenhando o papel de facilitador, promovendo o desafio e incentivando a descoberta.

Não é suficiente dizer ao aluno que “ler é bom”. Certamente ninguém aprende a gostar de ler e aproveitar a leitura sem que alguém, algum dia, tenha mostrado o quanto é útil e delicioso mergulhar nas páginas de um texto. É preciso conscientizar essa afirmação, materializá-la no dia-a-dia em atividades que dêem oportunidade para que o aluno leia e ouça o outro lendo, manuseie materiais de leitura e se coloque como sujeito diante do texto lido.

A responsabilidade do professor deve ser condizente com sua posição de líder grupal, onde as expectativas da classe, e também dos membros que compõe a escola (direção e pais) são fundamentadas na capacitação do mesmo. Uma das reclamações mais freqüentes de pais, com filhos em idade escolar, é a de que as instituições de ensino, públicas ou privadas, não têm dado uma resposta adequada e, em tempo hábil, às crianças que sofrem com as dificuldades de leitura e de escrita no ensino fundamental. As dificuldades de leitura atingem ricos e pobres, brancos ou negros, que estão nos bancos escolares. A formação de um aluno-leitor é responsabilidade do professor. Porém, para que isso ocorra, é fundamental que o professor também seja um sujeito-leitor.

No entanto promover o encontro com a leitura significa abrir para ele muitas portas e janelas através das quais ele poderá enxergar e entender o mundo e formar indivíduos aptos a fazer a “leitura do mundo” (Freire, 1995), a leitura de uma realidade em que convivem textos falados e escritos e textos não verbais.

Diante do exposto, constatamos que a influência da leitura na vida do aluno seja individual ou coletivamente, certamente é positiva, pois os benefícios do ato de ler não restringem-se a escola, aperfeiçoamento da capacidade de discernimento, desinibição, liderança, oralidade e escrita em constante evolução, são situações para o uso na escola, mas a vida, o cotidiano exterior a escola também recebe positivamente da constância da leitura, pois o discente irá controverter posições que julgar necessário, opinará em questões familiares, e terá consciência dos fatos que parecem ser alheios a sua vida.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Francisco Valle. **Psicolingüística**. Madrid: Morata, 1992.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1998.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARTHES, Roland. **Leituras de Roland Barthes**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BUENO, Sylvia Terzi. **A Construção da Leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2001.

CARNEIRO, Waldeck da Silva. **Miséria da Biblioteca Escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

CASTORÍADIS, Cornelius e Outros. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CHARTIER, Ane-Marie, CLESSE, Christiane, HÉRBRARD, Jean: trad. Carla Valduga. **Ler e Escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 1996.

CORREIA, Manolita Lima. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

DANACAL, José Hildebrando. **Era uma vez literatura...** Porto Alegre: UFRGS, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo, MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra.** São Paulo: Paz e Terra, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Série Dicionário de Filósofos.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas: Pontes, 1989.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEITE, Ângela de Souza. **O que é ler?** São Paulo: Record, 1995.

Ler. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LODI, João Bosco. **A Entrevista: Teoria e Prática.** São Paulo: Pioneira, 1974.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção Texto e Linguagem)



MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

MINAYO M.C. de S. (org.) – **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. Campinas: Cortez/Unicamp, 1988.

PERRENOUD, Phelippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

SELLTIZ, Claire. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: EPU, 1965.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Produção da Leitura na Escola – Pesquisas X Propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

SOARES, Liliana Ferreira. **Produção de Leitura na escola: A interpretação do texto literário nas séries iniciais**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. (Coleção Educação).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TODOROV, Tzevtan. **Literatura e Significação**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1979.

VYGOTSKY, Leon S. (1930). **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1978. (1930).

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. Porto Alegre: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. **Literatura em crise na escola: alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.